



**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

CECÍLIA NEVES FERREIRA NETA

**O QUE O AJUSTAMENTO BANAL NOS DIZ SOBRE A RACIONALIDADE
NEOLIBERAL: um olhar à luz da Gestalt-terapia**

Icó – CE
2021.2

CECÍLIA NEVES FERREIRA NETA

**O QUE O AJUSTAMENTO BANAL NOS DIZ SOBRE A RACIONALIDADE
NEOLIBERAL:** um olhar à luz da Gestalt-terapia

Monografia submetida à disciplina de TCC II, do Curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Professor Esp. Maxwell Fontes Teixeira.

Co Orientadora: Professora Esp. Rebecca Pinheiro Sedrim.

CECÍLIA NEVES FERREIRA NETA

Monografia aprovada em 08/12/2021, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS.

BANCA EXAMINADORA:

Maxwell Fontes Teixeira

Professor Esp. Maxwell Fontes Teixeira

Orientador(a)

Rebecca Pinheiro Sedrim

Professora Esp. Rebecca Pinheiro Sedrim

Co-orientador(a)

Najara Oliveira

Prof.^a Najara Oliveira

Avaliador(a)

Tadeu Lucas de Lavor Filho

Prof.^o Tadeu Lucas de Lavor Filho

Avaliador(a)

Icó – CE
2021.2

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que faz com que tudo isso tenha um sentido e seja possível, minha mãe Maria Conceição, minha irmã Sara Neves e meu pai de coração Júnior Chaves.

AGRADECIMENTOS

Lanço meu agradecimento primeiramente a Deus, que com sua graça e bondade me deu sustentação e recursos para chegar até aqui.

Agradeço a minha família, aos que dediquei esse trabalho, a minha mãe a quem amo e admiro imensuravelmente, por todo esforço em cuidar de mim, por acreditar no meu potencial e ser o meu maior apoio, suporte e incentivo para que tudo isso fosse possível; a minha irmã a quem amo e admiro imensuravelmente, por acreditar, apoiar e me incentivar nos meus sonhos e naquilo que acredito, ao meu pai de coração que acredita, apoia e me fornece recursos afetivos e materiais para que eu realize meus sonhos.

E também aos demais integrantes da família, minhas tias: Rita de Cássia- a quem consagro como minha madrinha no processo de graduação-, Virginia Novik, Gleydiane Neves e Devania Neves; que acreditaram em mim e me deram suporte no possível para que essa jornada acontecesse, agradeço o amor, encorajamento e doação de recursos materiais e afetivos. Agradeço a existência das minhas primas que plantam em mim com seus modos de ser criança uma esperança de dias melhores, o que me incentiva a continuar lutando e acreditando, são elas: Yanka Victória, Yanne Violleta, Yandra Vírginia, Cristina, Yasmin e Maria Eduarda.

Meus agradecimentos vão também para minhas amigas da faculdade que irei levar para vida: Lays, Tamires, Dinara, Joyce, Brendha, Juliane, Lívia, Nilza, Gisele e Luana, que foram suporte de alguma forma e tornaram essa caminhada mais leve, em especial para Larícia Nogueira Alexandre que se tornou uma irmã, alguém que sempre posso confiar e que me inspira a ser quem eu sou. Também para meu amigo Matheus que me inspira, me acolhe e me faz enxergar o melhor de mim. A Bia Mellky que acolhe minhas filosofias sinistras e que também me inspira como pessoa e profissional pelo seu jeito tão humano de ser, alguém que é em boa medida calmária e caos na minha vida.

Agradeço aos meus amigos a quem eu considero família: Ana Nery, Gabriel Silva, Hágata Galdino, Mikaelly Araújo, Thiago Almeida e Duda Lima. Gratidão pelo amor, incentivo, apoio e por serem tão presentes na minha vida.

Agradeço ao meu orientador Professor Maxwell, que confiou e ajudou no desenvolvimento do meu trabalho e que me incentivou a pesquisar o que eu queria de fato. A minha linda co-orientadora Rebecca Sedrim que generosamente aceitou o meu convite e me ajudou a desenvolver o trabalho da melhor forma possível e que me inspira como professora, supervisora e Gestalt-terapeuta.

Meus agradecimentos vão também para Leda Gimbo, Welison de Lima e Marcele Emerim por me inspirarem tanto e serem para mim referência de professores e Gestalt-terapeutas.

EPÍGRAFE

“Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento
Muito prazer, ao seu dispor
Se for por amor às causas perdidas
Por amor às causas perdidas” (Humberto
Gessinger).

RESUMO

A racionalidade neoliberal opera a fim de adequar os diferentes aspectos da vida dos sujeitos, incluindo a dimensão do desejo, para que esses se submetam totalmente às suas pretensões de consumo e produção e o seu funcionamento se mantenha intacto. Perante esse modo de imposição, dois importantes autores da Gestalt-terapia, Marcos José Müller-Granzotto e Rosane Lorena Müller-Granzotto, apontam, dentro das clínicas gestálticas, a clínica do ajustamento banal, como uma nova clínica política, que pode ser compreendida como uma forma de romper com as expectativas do outro capitalista, através do abandono do desejo. Nesse sentido, o presente estudo teve por objetivo compreender melhor a relação entre a clínica do ajustamento banal e a racionalidade neoliberal, o que se comunica desse ajustamento para esse outro. Para isso, foi realizada uma metodologia de cunho narrativo, com a utilização de livros, artigos, teses e dissertações e feita análise de dados a partir da análise de conteúdo. A discussão se deu no diálogo entre os debates sobre o conceito da racionalidade neoliberal e a expressão do ajustamento banal na realidade desse sistema. Desse modo, foi possível perceber que o ajustamento banal é uma alternativa para não se submeter às imposições neoliberais e ao mesmo tempo um modo ineficaz de resistir a esse outro autoritário, visto que o sujeito da banalidade se abdica de lutar contra a figura que provoca o conflito, no caso o outro capitalista. Foi então apontado modos de intervenção que encoraje esses sujeitos a um posicionamento crítico e político para lidar de forma mais assertiva com esse outro que gera o conflito. Conclui-se que o ajustamento banal tem uma função diante do modo totalitário que essa razão neoliberal se impõe, e por isso é importante acolher o que se diz desse ajustamento e intervir de modo a dar suporte para que esses sujeitos expressem sua indignação e contraposição aos mandamentos da racionalidade neoliberal.

Palavras chaves: Racionalidade Neoliberal. Clínica do ajustamento banal. Neoliberalismo. Gestalt-terapia.

ABSTRACT

Neoliberal rationality operates in order to adapt the different aspects of subjects' lives, including the dimension of desire, so that they submit completely to its consumer and production pretensions and its functioning remains intact. In view of this mode of imposition, two important authors of Gestalt-therapy, Marcos José Müller-Granzotto and Rosane Lorena Müller-Granzotto, point out, within gestalt clinics, the clinic of the banal adjustment, as a new political clinic, which can be understood as a way to break with the expectations of the capitalist other, through the abandonment of desire. In this sense, the present study aimed to better understand the relationship between the clinic of banal adjustment and neoliberal rationality, what is communicated from this adjustment to this other. For this, a narrative methodology was used, with the use of books, articles, theses, and dissertations, and data analysis was performed using content analysis. The discussion took place in the dialog between debates about the concept of neoliberal rationality and the expression of banal adjustment in the reality of this system. In this way, it was possible to realize that the banal adjustment is an alternative not to submit to neoliberal impositions and, at the same time, an ineffective way to resist this authoritarian other, since the subject of banality refrains from fighting against the figure that provokes the conflict, in this case the capitalist other. It was then pointed out ways of intervention that encourage these subjects to a critical and political positioning to deal more assertively with this other that generates the conflict. We conclude that the banal adjustment has a function before the totalitarian way that neoliberal reason imposes itself, and that is why it is important to welcome what this adjustment says and intervene in a way that gives support for these subjects to express their indignation and opposition to the commandments of neoliberal rationality.

Keywords: Neoliberal Rationality. Banal adjustment clinic. Neoliberalism. Gestalt therapy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 OBJETIVOS.....	11
2.1 GERAL.....	11
2.2 ESPECÍFICOS.....	11
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3.1 O NEOLIBERALISMO.....	12
3.1.1 Conceitos e breve contextualização histórica.....	12
3.1.2 A racionalidade neoliberal.....	14
3.2 AS CLÍNICAS GESTÁLTICAS.....	15
3.3 AS NOVAS CLÍNICAS POLÍTICAS DA GESTALT-TERAPIA.....	18
3.3.1 Clínica do ajustamento antissocial.....	19
3.3.2 Clínica do Ajustamento banal.....	19
4 METODOLOGIA.....	21
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	23
5.1 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO E A REDUÇÃO DE DANOS COMO ESTRATÉGIA.....	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista a implicação social da psicologia enquanto ciência, que deve em seu compromisso ser crítica frente às questões que permeiam a sociedade vigente e que atingem diretamente a vida do indivíduo, o presente estudo abordará a relação da clínica gestáltica do ajustamento banal diante da racionalidade neoliberal.

A Gestalt-terapia entende que a existência se dá na relação pessoa-mundo, nesse sentido, não se pode separar organismo e ambiente, uma vez que ambos são compreendidos como uma Gestalt, ou seja, não são compreendidos isoladamente. É no contato com o mundo e com o outro que a existência se constitui e produz espontaneamente formas, as quais podem ser pensadas como sentidos gerados em uma situação, e que na interação diante do que é novo e diferente se configura uma nova forma, a partir da assimilação do que surgiu como novidade (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2016).

Entendendo que nessa interação pode haver desvios, são criadas formas de ajustamentos como resposta a isso. As clínicas políticas como ajustamentos criadores são: a clínica do ajustamento neurótico, a clínica do ajustamento psicótico, a clínica do sofrimento ético-político e antropológico, e as que são apontadas pelos autores Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) como novas clínicas políticas, a clínica do ajustamento antissocial e a clínica do ajustamento banal, a qual será discutida neste estudo.

A clínica do ajustamento banal é uma forma de ajustamento criador diante das exigências neoliberais, os sujeitos da banalidade se veem impossibilitados de atender as demandas capitalistas e de enfrentar esse sistema autoritário, desse modo, encontram alternativa abandonando o desejo, uma vez que esse é moldado pelas determinações neoliberais, e se alienam ao consumo sem meta de restos de objetos (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a).

A respeito da racionalidade neoliberal, de acordo com Cenci e Petry (2020), ela tem por característica conduzir os sujeitos a se perceberem a partir da lógica reducionista do mercado, buscando, desse modo, produzir uma subjetividade em função daquilo que pretende. O neoliberalismo como racionalidade se empenha, com o seu caráter normativo e ética individualista, em moldar todo o aspecto da vida humana em torno do capital, isso quer dizer que não basta o sujeito agir sobre o capital e sim assumir uma performance como se fosse o próprio, desse modo, toda forma de vida é minada por essa lógica.

A princípio, a escolha do tema se deu a partir de algumas inquietações sobre como a lógica neoliberal é fundo de muitas das adversidades sociais. Diante das possibilidades, foi

provocador pensar sobre como a clínica do ajustamento banal está imbricada no contexto da doutrina neoliberalista, sobretudo no que se refere ao modo em que as pessoas nesse ajustamento expressam os efeitos da racionalidade neoliberal nos seus modos de estar no mundo. Para tanto, se chegou à seguinte questão problema: O que a clínica do ajustamento banal comunica sobre a racionalidade neoliberal?

Assim, esse estudo propõe uma variedade de reflexões e discussões relevantes para a atualidade, uma vez que busca compreender o sistema econômico vigente, bem como os efeitos psicossociais produzidos nas pessoas, em especial numa análise específica feita pela abordagem gestáltica na experiência de um novo ajustamento, identificado dentro desse contexto. Essa proposta de estudo é nova, e isso pôde ser percebido pela dificuldade em encontrar material com essa discussão. Sendo assim, essa pesquisa contribui na extensão desse tema e a produção de novos conhecimentos tanto no âmbito social da psicologia como na Gestalt-terapia. Além disso, propõe uma análise psicológica do indivíduo, contextualizada com os aspectos sociais, econômicos e políticos que o constituem.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Discutir o que a clínica do ajustamento banal comunica acerca da racionalidade neoliberal.

2.2 ESPECÍFICOS

- Compreender do que se trata a racionalidade neoliberal e a sua manifestação na vida dos sujeitos.
- Entender quais são as clínicas da Gestalt-terapia dando ênfase especificamente a clínica do ajustamento banal.
- Relacionar as compreensões sobre racionalidade neoliberal e a clínica do ajustamento banal.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O NEOLIBERALISMO

3.1.1 Conceitos e breve contextualização histórica

Para Harvey (2008) o neoliberalismo é uma teoria das ações político-econômicas, cuja a proposta é que o bem-estar humano é proporcionado por meio das liberdades e capacidades empreendedoras individuais, em um contexto marcado por uma sustentação institucional que se caracteriza por direitos à propriedade privada, de forma consistente, e pela liberdade de mercado e comércio.

O neoliberalismo surge na década de 1930 como doutrina político-econômica fortemente contrária ao socialismo, ao comunismo e a qualquer forma ativa de intervenção do Estado para além de ações voltadas para garantir instituições de mercado, a propriedade privada e atividades empreendedoras. Nos anos de 1940 os pensadores Milton Friedman, Friedrich Von Hayek, Ludwig Von Mises, e também, Karl Popper S. moldaram esse pensamento e, apesar do fluxo que o movimento causou, não se tornou de imediato uma corrente principal de pensamento. Foi a partir da acentuada crise geral da sobreacumulação (segundo o autor, é a ausência de oportunidades de investimentos que produzem lucros) que o neoliberalismo passou a ser alternativa aos problemas econômicos da época (HARVEY, 2005).

Almeida (2019) enfatiza que a concepção de neoliberalismo se deu especificamente na Alemanha Ocidental na Universidade de Freiburg em 1930 como “uma nova experiência ou registro histórico”. Ainda de acordo com o autor, o conceito surge baseado em uma ideologia capitalista de classe burguesa e marca o aparecimento de uma hermenêutica liberal com crítica ao liberalismo clássico. Em 1938 foi o início do projeto neoliberal e a primeira ação internacional do movimento no Colóquio Walter Lippmann em Paris com duração de cinco dias, e mais tarde em 1947 uma nova reunião em Mont Pèlerin, na Suíça. Esse período atualiza nos E.U.A o modo de acumulação do capital.

Eleita em 1979 ao cargo de Primeira-Ministra britânica, Margaret Thatcher, teve papel significativo para a disseminação do neoliberalismo, com intuito de superar problemas econômicos da época buscou inspiração com os pensadores sobre a proposta neoliberal e tomou medidas que modificou todo funcionamento do Estado, abandonando a busca do bem-estar social em detrimento de ações para a acumulação do capital. Além disso, houveram mudanças repentinas dos parâmetros políticos do FMI e do Banco Mundial, pouco tempo depois o

neoliberalismo exitosamente passou a dominar a política, primeiro no território anglo-saxão e, posteriormente, na Europa e no mundo (HARVEY, 2005).

Desse modo, o movimento neoliberal se expande tendo como pilares a privatização e a liberalização de mercado, nesse sentido, o Estado lança seus propósitos políticos à “expropriação das terras comuns”, isso quer dizer que as propriedades públicas passaram a ser de domínio privativo. Essas ações correspondem ao que o autor vai chamar de acumulação por espoliação que surge fortemente em 1973 e é marcada pela expulsão violenta de camponeses para a privatização de terras; pela transição de direitos à propriedade comum e coletiva em direitos de propriedade exclusivamente privada; pela anulação de outras formas de produção e de consumo, movimentos coloniais e neocoloniais e a mercadificação da força de trabalho (HARVEY, 2005).

No Brasil o neoliberalismo surge de modo efetivo na década de 1990, o deslocamento dos recursos sociais para o âmbito privativo se deu por meio do Programa Nacional de Desestatização (PND), de 1991. Desse modo, o acúmulo de capital no país ganha forças através do processo de privatização, tendo o Estado como agente principal desse processo, por outro lado essa reforma contribuiu também para a acumulação por espoliação, que se evidenciou na precarização e supressão do estatuto salarial de classes importantes de trabalhadores públicos, dentre esses, servidores do sistema de telefonia, em algumas situações, do sistema de eletricidade, bancários dos bancos estaduais, trabalhadores de siderúrgicas e mineradores estatais, entre outros (ALVES, 2009).

Diferente dos demais países da América Latina a construção histórica do neoliberalismo no Brasil foi tardia. Um importante acontecimento histórico para o início da implementação do Estado neoliberal no país foi o êxito da classe burguesa na primeira eleição direta em 1989, tendo como eleito para assumir a presidência da república Fernando Collor de Mello (ALMEIDA, 2019).

Outro importante acontecimento no mesmo ano foi o “consenso” de Washington, momento em que há a imposição econômica da burguesia capitalista hegemônica norte-americana e uma nova etapa imperialista do capital. Aliado a isso, as privatizações, a inserção das multinacionais na economia, a supressão e a desnacionalização das indústrias brasileiras, ratificaram o processo de neoliberalização no país (ALMEIDA, 2019).

Vale Ressaltar que Martuscelli (2013) destaca que o enfraquecimento e, em alguns casos, a destruição da produção da indústria nacional repercutiu no aprofundamento do retrocesso da economia do país, uma vez que se estabeleceu uma relação de dependência da economia brasileira aos países imperialistas.

3.1.2 A racionalidade neoliberal

O neoliberalismo como racionalidade refere-se a fazer o indivíduo agir de determinada forma como se o fizesse movido por seus próprios interesses. Nesse sentido, captura-se o desejo do indivíduo para que esse proceda como atuante análogo ao capital, isso quer dizer que o sujeito constantemente está aperfeiçoando-se e buscando valorizar-se para obtenção de excelentes resultados (CORBANEZI; RASIA, 2020).

Nessa perspectiva a liberdade que a doutrina neoliberal assume por característica é ilusória, uma vez que é na relação com o Estado, corporações e com outras pessoas que o indivíduo tem por imposição constituir-se como empresa e conduzir-se a partir disso. Desse modo, o governo neoliberal desempenha práticas engenhosas e estratégicas para dirigir as condutas dos sujeitos por meio das suas próprias racionalidades, que se estabelecem e se normatizam histórica e culturalmente (CORBANEZI; RASIA, 2020).

Segundo Dardot e Laval (2016) o neoliberalismo não transformou apenas o modo de acúmulo do capital, mas também modificou, de forma simultânea e radical, o semblante das sociedades modernas, instituindo como seu âmago a concorrência generalizada, que envolve não só as práticas econômicas, como também as relações sociais e até mesmo o campo da subjetividade. Ainda conforme os autores, o neoliberalismo se instaura, antes de tudo, como um processo normativo, uma racionalidade, cuja a influência se propaga por todo o mundo. Desse modo, a lógica capitalista se fixa em todos os aspectos da vida humana, e se possível na sua dimensão mais intrínseca.

Corroborando essa ideia Safatle, Silva Junior e Dunker (2021) diz que o conceito sobre neoliberalismo, para além de uma teoria sobre o desempenho da economia, é um modo de vida que se define através de uma política para nomear o mal-estar e por um processo característico para intervir no estatuto social do sofrimento; esse modo de vida propõe uma forma de individualização apoiada no padrão de empresa, ou seja, “uma vida que deve ser apreendida, dirigida e avaliada como se o faz com uma empresa” (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021, P.11). Desse modo, a força neoliberal não atua apenas na coerção do comportamento, mas também moldando desejos, identidades, valores e modos de vida dos sujeitos.

Uma importante discussão trazida pelos mesmos autores revela as origens dessa racionalidade neoliberal. No decorrer da história as crises que se deram no funcionamento do capital repercutiram em propostas completamente centralizadas no indivíduo, exemplos disso foi o utilitarismo britânico que surge no século XIX diante das adversidades sociais decorrentes da Revolução Industrial, e no cenário de recessão dos anos de 1870 que emerge a escola

marginalista de economia. É na doutrina neoliberal o ápice do aumento da ação individual com a ideia de “capital humano”:

Esse conceito implica uma relação a si mesmo marcada pela exigência de autovalorização constante, mediada pela lógica da mercadoria. Num quadro de extrema heteronomia, os indivíduos são alçados a agentes autônomos, capazes de agir livremente para satisfazer seus interesses. Sendo cada um convertido em “capital”, os sujeitos passam a se compreender como empresas submetidas à insegurança típica da dinâmica dos mercados. Em uma sociedade competitiva, os indivíduos comparam e hierarquizam constantemente coisas e pessoas, sendo eles mesmos passíveis de (des)classificação a todo momento. Especialista dele mesmo, empregado dele mesmo, inventor dele mesmo, empresário dele mesmo: a racionalidade neoliberal pressiona o eu a agir sobre ele mesmo no sentido de seu próprio reforço para seguir na competição (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021, P.48).

De acordo com Casara (2018) a racionalidade neoliberal tem por intuito gerir uma subjetividade que se envolve completamente com a ação que essa aspira, nesse sentido, torna-se essencial que o indivíduo preste desempenho laboral para as empresas como se estivesse trabalhando para si mesmo, de modo que se estabeleça uma espécie de confluência entre o eu e a empresa.

Por fim, entende-se que essa razão visa produzir sujeitos comprometidos apenas na mudança individual, sem interesse de mudar o mundo, mas centrados em si mesmos, como alguém autossuficiente, capaz de dar conta de toda a esfera de sua vida, seja social, profissional, do âmbito familiar e ainda das suas próprias emoções e das demais pessoas. Assim, o sujeito senhorio de si, que deve ser capaz de alcançar tudo o que quer, precisa também rejeitar qualquer tipo de dependência dos outros (CASARA, 2018).

3.2 AS CLÍNICAS GESTÁLTICAS

A psicologia da Gestalt ou “teoria da forma” busca compreender o comportamento, assim como os demais aspectos da vida, de modo contextualizado e amplo, entendendo que o todo se expressa diferentemente da soma das partes. Uma vez que a Gestalt se define como arte e também como ciência, há possibilidade de, no seu exercício, imprimir a personalidade, as experiências e a filosofia de vida daqueles que a praticam, constituindo assim um modo próprio de fazer Gestalt (GINGER; GINGER, 1995).

No que se refere ao conceito de Terapia, a compreensão coerente com a perspectiva da abordagem gestáltica, se refere a uma visão holística do bem-estar, superando a ideia de cura sobre determinada função para adaptar aquilo que foge da imposição normativa. Nesse sentido, busca-se valorizar a diferença e os aspectos próprios ao sujeito, tendo a terapia como ferramenta para promoção do desenvolvimento, da formação (no sentido de dar forma) e da integridade referente ao potencial da vida humana (GINGER; GINGER, 1995).

De acordo com Perls (1978) a Gestalt-Terapia é uma abordagem de base fenomenológica-existencial caracterizada por aspectos experienciais e experimentais. Busca enfatizar o Aqui e Agora, entendendo que passado e futuro se manifestam no presente. O passado, por sua vez, se expressa através das repetições, das situações não acabadas, nas recordações e hábitos, bem como, na experiência total de vida. Já o futuro surge no presente por meio de planejamentos, expectativas e temores.

Um importante conceito na Gestalt é o de figura e fundo. Conforme o autor Rodrigues (2011), a conceituação de figura e fundo está relacionada à necessidade emergente no campo que não foi suprida, e ao contexto da situação, respectivamente. Assim, figura é tudo aquilo que é apresentado em um devido momento como prioridade, o que chama a atenção do sujeito, e fundo são as outras questões/configurações existentes, aquilo que o cerca, mas que não estão sendo manifestadas como emergência no campo do aqui e agora.

Outro conceito basilar é o de campo. O campo fenomenológico está constantemente sendo atravessado pelo contato que se dá no espaço e tempo, desse modo, há uma relação de influências em que os sujeitos estão a todo momento afetando e sendo afetados nesse lugar do campo, nesse processo há um relacionamento das partes, que reagem ao que emerge, não havendo possibilidade de isolamento ou neutralidade daquilo que se manifesta. O autor aborda que na clínica o terapeuta necessita estar atento e sensibilizado ao aqui e agora, pois há manifestações importantes nesse campo como a postura corporal, crenças, hábitos, dentre outros (YONTEF, 1998).

Um dos elementos terapêuticos primordiais da Gestalt-Terapia é a *awareness*, que é um modo de experiência, define-se como uma forma de contatar a própria existência, com aquilo que é de fato (YONTEF, 1998). A Gestalt-terapia tem como propósito o *continuum* da *awareness*, que de acordo com Perls (1973, p.2) refere-se à “formação continuada e livre de Gestalt”, em que aquilo que toma o interesse principal do indivíduo, das relações, dos grupos e da sociedade possa se tornar uma gestalt, uma figura, e que de modo integral seja vivenciado e enfrentado, para haver assimilação e integração em um segundo plano e as novas figuras emergem livremente (PERLS, 1973).

A *Awaneress* se constitui por aspetos afetivos, cognitivos e sensoriais. Quando se contata em estado de alerta os acontecimentos mais importantes do campo organismo/meio, com o apoio completo da dimensão sensório-motor, das emoções, da cognição e das energias, tem-se a *Awaneress* total (YONTEF, 1998).

Nessa abordagem o indivíduo é considerado como uma função do campo organismo/ambiente, e os comportamentos produzidos por esse estão relacionados com o interior deste campo, que por sua vez está continuamente se modificando, através da sua natureza própria e daquilo que é feito ao ambiente pelo indivíduo. Nesse sentido, a interação entre organismo e ambiente, dentro desse campo, é necessariamente fluida e mutável (PERLS, 1988).

A Gestalt-terapia trabalha com a noção de *self* como um modo pessoal de como nos envolvemos nos processos, qualquer que sejam eles, essa expressão particular parte do contato com o ambiente, o *self* contacta o presente, permitindo o ajustamento criador. No *self* tem-se a função “id”, “eu” e “personalidade”. A função “id” refere-se às pulsões e necessidades interiores e vitais, é responsável pelos atos involuntários. A função “eu”, por outro lado, é ativa, funciona na tomada de decisão, podendo aumentar ou limitar o contato. Por último, a função “personalidade” é aquilo que o sujeito tem enquanto identidade, o modo que ele fala de si mesmo, a partir da integração daquilo que foi vivenciado anteriormente e assimilado ao longo de toda sua história (GINGER; GINGER, 1995).

O *self* não se constitui como uma estrutura fixa ou imutável, na verdade, trata-se de um processo, que por um sistema de contatos agrega funções da percepção, da dimensão motor-muscular e das necessidades biológicas. As funções do *self* se apresentam de modo indissociáveis e atuam com diferentes intensidades, essa alteração acontece conforme as fases do processo de contato. Essas etapas estão dispostas em quatro: o pré-contato, contatando ou processo de contato, contato final e pós contato (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014).

No pré-contato a figura ainda não está evidente e é nessa etapa que a função id prevalece no *self*, o corpo se apresenta como figura e fundo, com excitamentos fisiológicos, situações não acabadas do passado ou por alguma incitação do meio. Na segunda etapa, o contatando, as excitações passam a ser fundo, e “algum objeto” ou “agregado de possibilidades” se torna figura. O *self* é tomado pelo seu modo ego, é o momento da tomada de decisão diante das possibilidades fornecidas pelo campo (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014).

No contato final, o ego atua no *self* com menor intensidade, o fundo torna-se praticamente inexistente e a figura preenche toda dimensão do *self*, sendo ele a própria figura. Desse modo, se estabelece uma unidade figura/fundo, sem a formação de fronteiras e sem

deliberação. Nessa fase a ação será concretizada pelo self. A última etapa desse processo é o pós-contato, que expressa os frutos do contato, isso quer dizer que a novidade foi assimilada e, conseqüentemente, tem-se a transformação, o crescimento e a mudança. Aquilo que foi assimilado está agora inscrito no fundo de vividos e experiências, no auto ajustamento fisiológico. Assim, permitindo que o self se identifique com uma determinada personalidade (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014).

Na experiência clínica da Gestalt-terapia o terapeuta e o consulente produzem modos de lidar com a vulnerabilidade das funções do self (“id”, “ego”, “personalidade”). A vulnerabilidade na dimensão do afeto (corresponde a função id); vulnerabilidade política diante do desejo do outro (se refere a função “ego”); vulnerabilidade das representações prejudicadas por uma figura de poder autoritária (diz respeito à função personalidade). Essas formas de reagir à vulnerabilidade das funções surgem no campo clínico de modo peculiar na atuação dos atores perante agentes que causam desvios, esse movimento pode ser compreendido como ajustamentos criativos. As respostas criadas pelo terapeuta e o consulente diante dos efeitos desviantes, provocados pela vulnerabilidade de uma ou outra função, são as formas clínicas da Gestalt-terapia (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTO, 2012a).

Nessas formas encontram-se: a neurose, que se constitui pela perda das funções de ego, que dentro de um campo de repressão constitui-se como ajustamento criativo (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997); a psicose, cujo comprometimento é na função id, trata-se de uma experiência de campo em que não se acha um fundo de vividos para responder às demandas que surgem na atualidade, ou, de modo contrário, na manifestação excessiva de demandas que produzem orientações em demasia; o sofrimento ético-político e antropológico, que se apresenta quando pensamentos, intuições e valores que compõem a identidade social do sujeito são aniquilados, esse ajustamento caracteriza-se pela vulnerabilidade da função personalidade (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTO, 2012b).

3.3 AS NOVAS CLÍNICAS POLÍTICAS DA GESTALT-TERAPIA

No *setting* terapêutico há experiências, e não só nesse espaço, que o terapeuta não experiencia a manipulação (característico da clínica da neurose), nem a rejeição (característico da clínica da psicose) ou não se sente solicitado à uma prestação solidária de ajuda (característico da clínica do sofrimento ético, político e antropológico). Se tratam de experiências em que o terapeuta se sente ameaçado, seja devido a inconseqüência do ajustamento produzido pelo consulente ou pelo propósito desse ajustamento. De um modo ou

de outro, nesses ajustamentos, o consulente pode figurar o terapeuta como objeto a ser aniquilado (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a).

Diante dos conflitos políticos e antropológicos que constituem a vida social dos indivíduos, foi percebido dois modos de ajustamentos criadores (Clínica do ajustamento banal e clínica do ajustamento antissocial), essas formas não consistem na reprodução de possibilidades de criações sociais, pois, nelas, as ações do sujeito são direcionadas para o auto aniquilamento ou aniquilamento do terapeuta (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a).

3.3.1 Clínica do ajustamento antissocial

Para os pesquisadores Müller-Granzotto; Müller-Granzotto (2012a), a clínica dos ajustamentos antissociais refere-se à ação de se contrapor a um demandante, que é uma autoridade. Com isso, o indivíduo busca destruir as ameaças, seu desejo está na supressão de um outro social, isto é, na confrontação direta com o autoritário, já que este indivíduo não está alienado à figura de poder que se impõe. E o enfrentamento não se dá de forma tão perceptível para aquele que está sendo aniquilado, já que o meio social não fornece motivos evidentes ou palpáveis para fixação e repetições de tentativas da supressão.

3.3.2 Clínica do Ajustamento banal

Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) apontam que as atitudes em que os sujeitos alienam suas alternativas e ambições em detrimento de “restos de objetos ou objetos de consumo em massa” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a, p. 196), referem-se às inconseqüências do ajustamento banal. Esses objetos não podem ser considerados próprios da realidade ou do desejo, visto que, não proporcionam a condição de reflexão, como um objeto da realidade requer, nem a vivência de transcender um objeto não concreto, o que se requisita do objeto de desejo.

Os sujeitos em ajustamento banal se apresentam apáticos aquilo que possa motivar o desejo, além disso, não há interesse em serem reconhecidos socialmente pelos seus semelhantes, antes, se resguardam dos excitamentos e da engenharia social, sujeitando-se a se alienar em substitutivos aos objetos, sem medir as conseqüências sociais que essa atitude alienada pode causar (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a).

Nesses sujeitos não há interesse em sentir, fazem o uso de substância para evitar determinadas sensações (exemplo: indutores de sono, antidepressivos para tristeza). Para eles não há também aspiração em fazer algo: em vez de trabalhar apostam na sorte e no azar, substituem a interação por dedicação à tecnologia. Rejeitam as representações sociais que viabilizem uma identidade valorosa para si, apegam-se a imagens fixas que não demandam respostas, reflexão, debate ou opinião. Expressam indiferença pela família, pela comunidade e sociedade (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a).

O sujeito em ajustamento banal é alguém desacreditado, desistente e desapontado. Não querem ocupar um lugar social, nem mesmo agir com os seus próprios desejos. Quando o terapeuta recebe esses sujeitos na clínica é uma experiência decepcionante, tendo em vista que a deserção do desejo não lança nenhum tipo de demanda, e essa apatia configura-se como um modo de destruir o terapeuta (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a).

É importante enfatizar que ao definirem a banalidade Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) fazem menção a “banalidade do mal” descrita por Hannah Arendt e se diferenciam da definição dessa autora. Enquanto que para Hannah Arendt o conceito de banalidade consiste nos atos inconsequentes que podem causar o mal, os autores Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) buscam definir a banalidade separada da concepção do “mal”, uma vez que para eles esse é um modo normativo e moral de perceber a banalidade e fere o fazer ético da clínica. Nesse sentido, para Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) a banalidade, anterior as ações inconsequentes, tem uma função, é na verdade uma forma de ajustamento para romper com as exigências do outro demandante, a saber o outro capitalista.

Essa discussão será ampliada nos resultados e discussões, tendo em vista que esse ajustamento aponta para um modo de “lidar” com o outro capitalista, o que caracteriza o intuito deste trabalho. Cabe ainda destacar que para Perls; Hefferline e Goodman (1997) os ajustamentos não se configuram como algo moral, nem mesmo no binarismo bom ou ruim, funcional ou não-funcional, mas como formas de lidar com o contexto que se apresenta para o sujeito.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho é de caráter exploratório, que é marcado pela possibilidade de aprofundamento do fenômeno de pesquisa (GIL, 2008). Foi utilizada a abordagem qualitativa, a qual fundamenta em um processo lógico, indutivo e em métodos de coleta de dados que não são completamente predeterminados, desse modo, as perspectivas teóricas foram concebidas após o processo de explorar e descrever (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Os procedimentos se deram por meio de uma pesquisa bibliográfica do tipo de revisão de literatura narrativa, de acordo com Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é realizada através de materiais já produzidos e formados, sobretudo de livros e artigos científicos, tem por vantagem um alcance amplo de um conjunto de fenômenos. A revisão de literatura narrativa permite a análise de conteúdos já publicados em livros, artigos científicos, entre outros, a partir da interpretação e análise crítica do autor (ROTHER, 2007).

As fontes utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa foram livros, capítulos, artigos científicos, dissertações de mestrados e teses doutorados, que correspondem a um recorte de tempo do ano 2012 a 2021. A coleta de material se deu através da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e a Biblioteca Virtual em Saúde – BVS, por meio dos bancos: Literatura Latina Americana em Ciências e Saúde – LILACS, e a Scientific Electronic Library Online – SciELO. Para a busca de materiais, foram utilizados os seguintes descritores, almejando o maior alcance possível: “Gestalt-terapia”, “clínicas gestálticas”, “ajustamento banal”, “racionalidade neoliberal”, “capitalismo”, “neoliberalismo”.

A análise dos dados foi por meio da técnica de Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (2011), consiste na compreensão dos fatos qualitativos e/ou quantitativos que se apresentam, buscando através de variadas metodologias observáveis, colher as informações atentamente para o estudo. Nesse sentido, o analista necessita interpretar com cautela os modos de comunicação que se manifestam

Essa técnica está disposta em três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Na pré-análise foram organizadas as percepções intuitivas e as primeiras ideias, a fim de elaborar um delineamento preciso para o desenvolvimento dos procedimentos seguintes. Quanto à exploração do material foi a etapa de aplicação sistemática conduzida a partir das decisões tomadas na fase anterior. No tratamento dos resultados, inferências e interpretação foi realizada a síntese e seleção dos resultados levando em consideração as interferências, bem como a interpretação para obtenção de aspectos teóricos e pragmáticos (BARDIN, 2016).

Para a descrição dos conceitos da Gestalt-terapia, optou-se pela utilização da literatura clássica, tendo em vista que os materiais atualizados fornecem uma redundância por citarem autores clássicos. Norteados-se na pergunta problema e nos objetivos desta pesquisa para o desenvolvimento dos resultados e discussões foram utilizados 12 estudos, dentre eles, há artigos, conteúdo de livros, teses de doutorado e dissertações de mestrado. Na seleção do material foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: estudos que discutem a racionalidade neoliberal à luz da teoria crítica social da Escola de Frankfurt; o conceito de ajustamento banal com base na Gestalt-terapia e discussões que abrangem a relação dos dois conceitos, desenvolvidos no período de tempo determinados por essa pesquisa (2012-2021).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para Francesetti (2021) o âmbito da vida social e individual são interdependentes e isso se expressa de modo complexo e intenso, sendo pouco atribuir apenas umnexo de causa-efeito. Nesse sentido, cada contexto social produz modos específicos de sofrimento, seja motivando-os ou causando-os diretamente, seja atuando na sua forma. Ratificando essa ideia, Safatle, Silva Junior e Dunker (2021) afirmam que o modo como as categorias específicas de sofrimento, são expressas ou contidas, descritas ou silenciadas, identificadas ou criticadas, é prescrito por cada época.

Cabe aqui ressaltar que ao se referir ao sofrimento não é feita referência ao ajustamento de inclusão descrito pela Gestalt, mas se trata da condição inerente das inconseqüências dos atos produzidos pelos indivíduos da banalidade. No ajustamento de inclusão as situações que provocam perda das representações sociais têm relação com o termo *misery*, o qual tem sua tradução original como “aflição”, no entanto, os autores Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) optam por traduzir como “sofrimento”.

Dito isto, é indispensável compreender que toda intervenção psicológica deve ser coerente com o contexto em que o sujeito está inserido. Desse modo, deve ser levado em consideração todos os atravessamentos sociais, comunitários e culturais do indivíduo, pois, a partir disso, o sujeito constrói sentidos para sua vida. A relação estabelecida no *setting* terapêutico deve ser atenta e honesta aos elementos que emergem nesse campo, tendo em vista que o comprometimento ético com aquilo que se produz no consultório atinge outros espaços em que o sujeito se apresenta, e vice-versa (QUADROS, 2012).

Essas considerações são importantes para entender que a clínica do ajustamento banal acontece situada em uma conjuntura social. Sendo assim, segundo Souza (2014) a compreensão do funcionamento dinâmico do sistema self acontece de maneira intersubjetiva, ou seja, na relação com o outro. Portanto, é possível afirmar que os ajustamentos da clínica gestáltica, incluindo o ajustamento banal, se dão em um contexto social, político, econômico, ideológico, comunitário, etc. Nesta discussão será enfatizado o ajustamento banal no cenário da racionalidade neoliberal.

Os pesquisadores Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) ao descreverem a origem dos ajustamentos banais, enfatizam que diante do impedimento de atuar com os próprios desejos ou desfazer as exigências do outro capitalista, o sujeito cria alternativas, o que se constitui como um ajustamento criador, para enfrentá-lo com os seus próprios recursos.

Segundo Carmo (2018), a lógica neoliberal traz um mal-estar à vida do sujeito por determinar os modos de sobrevivência social como o propósito da existência, nesse sentido, é como se houvesse apenas essa alternativa de atuar na sociedade. Como se a interação com a realidade, a busca por conhecimentos e os modos de vida estivessem centrados apenas na lógica da produtividade e do consumo.

Ainda de acordo com a autora, essa dinâmica além de gerar destituição de poder diante das condições materiais impostas, ocasiona sentimento de frustração, superficialidade, vazio, solidão e impotência. Frente a essa lógica compulsória, Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) apontam pessoas que se ajustam de modo banal, que contrárias a essa realidade, não há nelas vontade em ter reconhecimento social, sejam como cidadãs, consumidoras ou empreendedoras, além disso, são pessoas apontadas como improdutivas.

Esses sujeitos em ajustamento banal optam por substituir esse modo de vida que parece ser o único possível, alienando-se a objetos fugazes, tornando o próprio corpo em “mercadoria sem valor subjetivo”, são nomeados pelos autores como sujeitos-mercadoria (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a, p.197). De acordo com Basso (2016), o espaço virtual que dispõe de jogos, pornografia, redes sociais, são exemplos de objetos utilizados pelo sujeito da banalidade. O autor argumenta que o acesso à tecnologia portátil fornece um campo propício para um ajustamento banal, uma vez que esse campo dá ao sujeito a possibilidade para o não enfrentamento de demandas. Nesse contexto, o ajustamento banal pode ser percebido pelas excessivas horas dedicadas para jogos, leituras, pornografia, vídeos, etc.

Para Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) no ajustamento banal as pessoas desistem de desejar e não respondem mais à função social que o outro capitalista demanda. Mas qual seria esse papel social demandado? Como afirma Santos (2018) a racionalidade econômica busca se impor de maneira totalitária como forma de vida. Perez Junior (2018) corrobora com Barros (2016) ao enfatizar que a racionalidade está sujeita às conjecturas neoliberais, ela opera nas emoções, abstrações, pensamentos, no corpo e em qualquer outra dimensão do indivíduo, e essa sujeição tem um custo (demanda): o ser humano precisa negar a si próprio; seus sentimentos, suas fantasias, idiosincrasias devem ser dadas em sacrifício ao domínio do capital.

Além disso, a racionalidade neoliberal demanda do indivíduo atitudes conformistas, submissas, adaptativas e uma disposição constante para ocupar, sem nenhuma resistência, as esferas de consumo, produção, trabalho e entretenimento (PEREZ JUNIOR, 2018). Diante dessas exigências, entende-se que o sujeito em ajustamento banal em vez de negar a si mesmo

em detrimento do capitalismo autoritário, faz essa autonegação alienando-se ao consumo de restos de objetos, de modo inconsequente, sem nenhuma meta ou propósito que favoreça as imposições capitalistas.

Conforme Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) ao banalizar as demandas desse outro capitalista, que atua com veemência, o sujeito expressa um modo de resistência, que se dá através da abdicação dos seus excitamentos e suas formas autônomas de criação, sendo essa a maneira de se colocar insubordinado, desobediente e transgressor a esse outro tão autoritário. Nessa perspectiva, as pessoas em ajustamento banal optam por uma dependência aos objetos de consumo substitutivos em detrimento de uma postura passiva às exigências neoliberais.

Vale ressaltar que ao apontar essa resistência dos sujeitos em ajustamento banal os autores observam que ela é ineficaz, pois o sujeito foge do conflito e abre mão de um posicionamento crítico-político em relação ao poder perverso da lógica capitalista. Para Ribeiro (2018) a força de resistência se coloca em oposição ao domínio instituído sobre a sociedade. Nesse sentido, a luta se dá pela tomada de consciência sobre a atuação da racionalidade que favorece o neoliberalismo e com isso a denúncia de suas contradições e seu modo de operar autoritário.

Santos (2018) traz uma importante discussão sobre como a racionalidade neoliberal atua, explica que o avanço da dominação fere a espontaneidade dos indivíduos, nessa lógica, precisam dispensar a criação autônoma para a realização imposta. Então veja, para o indivíduo da banalidade há vantagem em ignorar as solicitações autoritárias do neoliberalismo, uma vez que, como afirmam Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) é como se a inconsequência desse ajustamento tivesse por propósito lesionar o outro tão poderoso que se impõe.

Os Gestalt-terapeutas Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) dialogam com os pensadores da racionalidade neoliberal, bem como as ideias dos autores trazidos até aqui. Ao firmar uma compreensão de que as exigências totalitárias do capitalismo consistem em moldar e reduzir os desejos, excitamentos, identidades sociais e a dimensão humana das pessoas ao poder de consumo. Assim, para eles, o ajustamento banal é uma alternativa para aqueles que nem podem agir com os próprios desejos, nem muito menos corresponder às expectativas desse demandante capitalista, apegam-se então aos restos sociais. É como se a banalidade comunicasse assim: “se eu não posso operar com os meus próprios desejos, não irei desejar nada”.

Para reforçar tal compreensão, Mendes e Fillipehorr (2014) promovem a seguinte discussão: frente ao imperativo social- “trabalhe!”,” produza!” - ter a possibilidade de uma

atitude oposta a isso é uma forma de não alienação à dominação neoliberal. Quando o sujeito da banalidade deixa de assumir responsabilidade é um mecanismo para afrontar o sistema, mesmo que para isso ele precise se autodestruir. Os autores observam ainda que os indivíduos desse ajustamento se percebem impotentes diante desse dominador, não há neles perspectiva de mudar esse funcionamento social e, sobretudo, de mudar a si próprios.

Essa racionalidade neoliberal impõe a crença de que a liberdade é adquirida pela adaptação à lógica do capital. Quando na verdade, ao aderir às exigências neoliberais, o sujeito põe em risco sua autonomia, liberdade e sua integração social (RIBEIRO, 2018). O autor aponta ainda que para o neoliberalismo o sujeito que não se adequa às suas pretensões é patológico, a clínica do ajustamento banal, por outro lado, ver como um desvio possível para lidar com essa imposição tão violenta.

O outro capitalista é quem demanda que o sujeito em ajustamento banal seja tratado, não à toa Safatle, Silva Junior e Dunker (2021) afirmam que o neoliberalismo gere e administra o sofrimento, o que pode ser perigoso, uma vez que ao colonizar os espaços de cuidado em saúde mental, essa demanda de adequação aos desejos neoliberais pode encontrar na clínica psicológica reversibilidade ao seu favor, por isso a proposta de intervenção dos Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a), que será apresentada no parágrafo seguinte, é tão crítica e assertiva. Haja vista que os tratamentos dessas pessoas são solicitados pelo demandante neoliberal para que voltem a produzir e consumir.

Diante do pedido desse outro capitalista, que é a reabilitação do desejo em consumir as novidades do mercado, os terapeutas Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) propõem uma intervenção oposta à vontade deste. Compreendem que o objeto da banalidade, que pode ser o vício em drogas, jogos, pornografia- entre outros instrumentos que são consumidos sem meta- não pode ser suspenso súbito e completamente, tendo em vista que é nessa alienação a esses objetos que pode estar a resistência que o indivíduo da banalidade lança ao outro capitalista perverso.

Para tanto, a proposta é que se trabalhe com esses sujeitos a política de “redução de danos”, visando fornecer a eles a ampliação de possibilidades no enfrentamento a essas questões que lhes tomam, e resguardar as formas construídas como defesa. Nessa perspectiva, o objetivo não é de reabilitação, mas de formar a criticidade dessas pessoas em ajustamento banal sobre a origem de sua banalização (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a).

5.1 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO E A REDUÇÃO DE DANOS COMO ESTRATÉGIA

Foi nos anos 1980, com a comprovação de que o uso compartilhado de seringas e agulhas para o consumo de drogas injetáveis era um dos principais meios de transmissão de HIV, que a política de Redução de Danos foi criada pelos agentes de saúde como estratégia para lidar com as implicações do uso de drogas. A política de redução de danos tem como propósito diminuir os danos produzidos pelo consumo de diferentes drogas, o que não significa necessariamente impor a interrupção do seu uso. Essa política leva em consideração os aspectos sociais, históricos e culturais que estão implicados no uso de drogas (RIBEIRO, 2013)

Nessa perspectiva, essa proposta facilita ao usuário um novo lugar social, em vez de o indivíduo enxergar a si mesmo a partir dos estigmas socioculturais (marginal, louco, criminoso, etc.), passe a assumir um lugar de cidadão, pessoa de direitos, capaz de protestar como protagonista às questões do seu contexto social, além disso, alguém responsável e ativo no processo de mudanças necessárias para melhores condições de vida no âmbito pessoal ou das relações (RIBEIRO, 2013)

Para Müller-Granzotto e Müller-Granzotto (2012a) a intervenção aos sujeitos da banalidade deve ser construída primeiramente pelo acolhimento, deve ser prestado uma ajuda e ouvir o que está se dizendo nesse ajustamento, a fim de encorajar essas pessoas sobre seu potencial para o enfrentamento desse outro capitalista totalitário. Assim,

Resgatar, nos sujeitos banais, a revolta, a indignação e a capacidade reativa é o mesmo que fortalecer, em cada qual, a função de ato pela qual eles haverão de mobilizar desejos (políticos) apoiados nos excitamentos disponíveis e nas identidades sociais críticas (em face das demandas totalitárias) (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012a, p.206).

Percebe-se que na proposta de intervenção não cabe condenar as ações dos sujeitos em ajustamento banal, em contrapartida a um sistema moral e normativo deve ser fornecido um espaço que promova autonomia e desperte um posicionamento crítico e político desses sujeitos, a partir de um acolhimento genuíno que se faz pela compreensão da função que o ajustamento banal tem na vida do indivíduo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho foi possível identificar que o ajustamento banal é uma forma criadora para ignorar as imposições feitas pela racionalidade neoliberal. Enquanto as demandas neoliberais são de que o sujeito deseje um modo de existência baseado na relação de consumo e produção, o sujeito da banalidade abdica de desejar, como forma de romper com as exigências desse outro tão autoritário.

É no consumo sem meta e nos atos inconsequentes que o sujeito da banalidade encontra um modo de escape a esse outro neoliberal que tenta moldar a vida das pessoas sem que haja resistência ou contraposição. Ainda que de maneira ineficiente, o ajustamento banal comunica que não quer estar subordinado às expectativas neoliberais, que é preferível até se autodestruir a se sujeitar às vontades desse outro. Foi observado, que só é possível ouvir o que se diz da banalidade por meio do acolhimento e do encorajamento desse indivíduo que se ajusta banalmente, para que possa haver consciência da origem do seu ajustamento, bem como uma atitude de enfrentamento desse outro neoliberal.

Diante disso, a proposta do estudo foi alcançada, no entanto, se restringiu aos poucos materiais produzidos sobre a temática, evidenciando uma dificuldade significativa em dialogar sobre diferentes pontos de vista da clínica do ajustamento banal, o que revela grande necessidade em produzir mais pesquisas sobre esse conceito.

Por fim, apesar de serem escassos os estudos que relacionam o ajustamento banal e a racionalidade neoliberal, foi possível uma discussão que apresenta pontos de intersecção entre os dois conceitos. As pistas deixadas por Müller-Granzotto e Müller-Granzotto, sobre a relação entre ajustamento banal e o outro capitalista, pôde ser mais ampliada e dialogada à luz de outros autores que discutem a racionalidade neoliberal, revelando a importância dessa produção. E aos autores que discutem racionalidade neoliberal, o ajustamento banal está sendo apontado neste estudo como possibilidade de análise a ser inserida nesse debate.

A iniciativa desse trabalho abre caminho para que outras produções de conhecimento sobre o assunto sejam desenvolvidas e que a discussão seja ampliada, abrangendo diferentes pontos de vistas que potencialize ainda mais a compreensão desse fenômeno de pesquisa. Além disso, dispõe de uma perspectiva crítica para formação em psicologia e na compreensão da Gestalt-terapia, uma vez que traz uma discussão contextualizada e aponta relações entre um fenômeno social e psicológico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Eustáquio Leandro Assis Cavalcanti Albuquerque de. **SOCIOLOGIA HISTÓRICA CRÍTICA: O NEOLIBERALISMO NA AMÉRICA LATINA E BRASIL DO SÉCULO XXI**. 2019. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10013> . Acesso em: 01 jun. 2021.
- ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal – Precarização do trabalho e redundância salarial. *Katál*, Marília, v. 2, n. 12, p. 188-197, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/6x94zJ3FLh3hcbzh3BNHHNf/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 02 jun. 2021.
- Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.
- BARDIN, Laurence. **ANÁLISE DE CONTEÚDO**. São Paulo: 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf> . Acesso em: 29 maio 2021.
- BASSO, Fabrício Siqueira. Reflexões sobre a internet à luz da Gestalt-terapia. **Revista Igt na Rede**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p. 273-297, 2016. Disponível em: <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/511> . Acesso em: 02 nov. 2021.
- CARMO, Taísa Fidelis do. **O consumo nocivo de substâncias psicoativas e o mal-estar subjetivo na sociedade administrada: uma leitura crítica**. 2018. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8419> . Acesso em: 03 nov. 2021.
- CASARA, Rubens. **Estado pós-democrático: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CENCI, Angelo Vitório; PETRY, Cleriston. Para além da racionalidade neoliberal. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 56, p. 1-19, 25 ago. 2020. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. <http://dx.doi.org/10.21680/1981-1802.2020v58n56id21291> . Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/21291/13127> . Acesso em: 30 maio 2021.
- CORBANEZI, Elton; RASIA, José Miguel. Apresentação do Dossiê: Racionalidade Neoliberal e Processos de Subjetivação Contemporâneos. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 287-301, jul. 2020. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665> . Acesso em: 02 jun. 2021.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FRANCESETTI, Gianni. **Fundamentos da Psicopatologia Fenomenológico-gestáltica: uma introdução leve**. Belo Horizonte: Artesã, 2021. 158 p.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org). **Gestalt-terapia: Conceitos Fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org). **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINGER, Serge; GINGER, Anne.; **Gestalt: uma terapia do contato**. [Tradução: Sonia de Souza Rangel]. São Paulo: Summus, 1995.

HARVEY, David. **O NEOLIBERALISMO história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4271594/mod_resource/content/1/516_10_semin%C3%A1rio_HARVEY_o%20neoliberalismo.pdf . Acesso em: 30 maio 2021.

HARVEY, David. **O NOVO IMPERIALISMO**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. Disponível em: <https://gpect.files.wordpress.com/2013/11/david-harvey-o-novo-imperialismo.pdf> . Acesso em: 30 maio 2021.

MARTUSCELLI, Danilo Enrico. **CRISES POLÍTICAS E CAPITALISMO NEOLIBERAL NO BRASIL**. 2013. 316 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência Política, Unicamp, Campinas, 2013. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280194/1/Martuscelli_DaniloEnrico_D.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

MENDES, Célia Regina Pessanha; FILLIPEHORR, João. Vivência nas ruas, dependência de drogas e projeto de vida: um relato de experiência no CAPS-ad. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 6, n. 1, p. 90-97, jun. 2014. Disponível em: <https://pssa.ucdb.br/pssa/article/view/328/395> . Acesso em: 03 nov. 2021.

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José & Rosane Lorena. **CLÍNICAS GESTÁLTICAS - O sentido ético, político e antropológico da teoria do self**. São Paulo: Summus, 2012a. 304p.

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José & Rosane Lorena. **Psicose e Sofrimento**. São Paulo: Summus, 2012b.

PEREZ JUNIOR, Jesus Vasquez Meira. **A expropriação psicológica do sujeito no capitalismo tardio e a concepção neurocientífica de homem**. 2018. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-19082019-103013/pt-br.php> . Acesso em: 04 nov. 2021.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, Tradução Fernando Rosa Ribeiro. 1997.

PERLS, Fritz. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

PERLS, Laura. **Alguns aspectos da Gestalt-terapia**. Manuscrito apresentado na Reunião Anual da Associação Ortopsiquiátrica, 1973.

PERLS, Laura. **Entendidos e mal-entendidos da Gestalt-terapia**. VOICES, Journal of the AAP. Vol.14, nº 3, 1978.

QUADROS, Laura Cristina de Toledo. A dimensão social da prática clínica na perspectiva da abordagem gestáltica: do espaço íntimo às transformações coletivas numa experiência em comunidades. **Revista Igt na Rede**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 202-215, 2012. Disponível em: <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/313> . Acesso em: 04 nov. 2021.

RIBEIRO, Elias Nasser de Castro. **Arte e (R)existência: grafites na cidade de São Paulo à luz da teoria crítica**. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-24092018-102541/pt-br.php> . Acesso em: 04 nov. 2021.

RIBEIRO, Maurides de Melo. **Drogas e redução de danos: direitos das pessoas que usam drogas**. São Paulo: Saraiva, 2013.

RODRIGUES, Hugo E. - **Introdução à Gestalt-terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestaltica**. 8. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 5-6, jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001> . Acesso em: 19 out. 2021.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. **NEOLIBERALISMO como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 286 p.

SAMPIERI, Hernández; COLLADO, Fernández; LUCIO, Baptista. **Definições dos enfoques quantitativo e qualitativo, suas semelhanças e diferenças**. Porto Alegre: Penso, 2013. Disponível em: <https://statics-submarino.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/116717564.pdf> . Acesso em: 29 maio 2021.

SANTOS, Eduardo Altheman Camargo. **Por uma teoria crítica do neoliberalismo: Marcuse no século XXI**. 2018. 244 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-21022019-101602/pt-br.php> . Acesso em: 01 nov. 2021.

SOUZA, Israel Ferraz de. A Gestalt-terapia e as relações de poder: um diálogo possível. **Revista Igt na Rede**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, p. 84-104, 2014. Disponível em: <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/407> . Acesso em: 04 nov. 2021.

YONTEF, Gary M. - **Processo, Diálogo e Awareness** - Tradução Eli Stern. São Paulo: Summus, 1998.